

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

Um escritor chamado João Otávio Nogueira Leiria

Cibele Beirith Figueiredo Freitas¹

A questão do cânone é muito debatida por vários autores contemporâneos. Nas histórias da literatura do Rio Grande do Sul, geralmente são escritores conhecidos do grande público que estão elencados, o que impõem uma visão cristalizada da literatura sul-riograndense. Dessa forma, alguns autores são canonizados e outros permanecem “na sombra”, esquecidos.

Um exemplo disso é o que ocorreu com o poeta e jornalista João Otávio Nogueira Leiria, que figurou à margem do cânone literário gaúcho. Nogueira Leiria nasceu no espaço peculiar da Campanha rio-grandense, mais precisamente na cidade de São Francisco de Assis. O Poeta, como era denominado pelos amigos, fez da literatura um meio de conhecimento e de transmissão da cultura de seu Estado.

Descrever a sua trajetória de vida e o seu trabalho intelectual é tratar de dois caminhos que se encontram, pois um é complemento do outro, como se pode verificar nos versos de “Poesia”, em que o escritor explora a interioridade através do fazer poético:

Tu me levaste às solitárias cismas,
delas me deste o abismal sentido,
o gosto e o vício emocionais de estar
sempre comigo e a mim mesmo entregue.

[...]

Nunca me falte o teu convívio amigo,
amante rara, de insidiosos jeitos.
Dás-me da vida o sentimento eterno,
a cada instante que contigo trazes
o esquivo dom que me consola tanto.
(LEIRIA, 1968, p. 128)

¹ Graduada em Letras - Licenciatura em Língua Portuguesa e Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2007) e Mestre em Letras pela mesma universidade (2010).

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

Descendente de uma família tradicional de estancieiros, Nogueira Leiria nasceu no dia 5 de junho de 1908. Com eles, viveu no espaço rural de São Francisco de Assis, em meio à natureza, aos animais e aos costumes do homem do campo, sendo um dos únicos membros da família a expressar essas peculiaridades através da literatura, como escreveu em “Canção da terra e do ideal”, que retrata as especificidades do relevo e da ambientação campeira:

Tem minha alma a imagem desta terra,
traz ela bem a marca do meu povo,
pois, se a quietude da planície encerra,
sei que o minuano em meus nervos erra
e me sacode como a um tronco novo.

Amo o sol que incendeia estas coxilhas,
a claridade do rio natal,
que beija areias e contorna as ilhas.

[...]
(LEIRIA, 1968, p. 84)

Desde muito cedo, conheceu as tristezas e as amarguras da vida. Ainda pequeno, com cinco anos de idade, foi afastado da mãe, que sofria de tuberculose. Padecendo com a separação devido ao isolamento materno, sofreu a perda da mãe, fato esse que o marcou durante toda a sua trajetória. Em “Saudade”, o poeta canta a figura materna:

Era o apelo do meu próprio sangue!...
[...]

Ela propiciou-me tudo, enquanto pude desejá-la,
num carinho espontâneo
de água clara...

E eu a desprendia dos meus braços
Para o gosto amargo desta ausência.

[...]
(LEIRIA, 1932, p. 65)

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

Em consequência dessa perda, o menino foi criado pelo pai, seu companheiro, e pelas tias maternas. Vivendo no meio campeiro, Nogueira Leiria tinha como principal brinquedo os ossos do gado, denominada “gado de osso”. Foi nesse tempo também que aprendeu as primeiras letras, com uma de suas tias, Emília Mello Leiria, sendo ela a alfabetizadora de muitas outras crianças da família Leiria.

Seu pai, que era estancieiro, tinha como principal fonte de sustento a venda do gado, conduzindo a tropa em marcha aos arredores da fazenda, as chamadas “tropeadas”. Na lide campeira, algumas vezes contava com a companhia de João Otávio, que ainda pequeno, assistia a tudo, representando mais tarde essa cena no poema “A tropa”:

“Venha... Venha, boi...
Minha toada de tropeiro
foi meu pai que me ensinou:
– “Venha, boi... Venha, bô... ôo... ôo...”

Minha toada de tropeiro
foi de berço que aprendi.
Enquanto meu pai tropeava,
de minha mãe foi que eu a ouvi.

Volta o tropeiro à querência,
e a tropa não volta mais.
– “Venha... Venha, boi...”

Mas, entre a deixar aos poucos,
e a perder de uma só vez,
são destinos quase iguais
que irmanam homem e rês.

– “Venha... Venha, boi...”

A voz repete, dolente,
enquanto os outros repontam
a boiada mansamente...
(LEIRIA, 1968, p. 101)

Aos onze anos de idade, João Otávio deixou os pagos, indo para Porto Alegre estudar. Na Capital, frequentou o chamado Ginásio, no Colégio Júlio de Castilhos, passando a morar

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

com a tia materna mais velha. Nessa etapa, ele conviveu com os primos mais velhos, com os quais aprendeu os costumes da cidade, diferentes das coxilhas. Segundo Nogueira Leiria, a casa da tia era um local agradável e movimentado:

vivíamos numa casa alegre. Todos da mesma cria e longe da querência, éramos, todos, como irmãos. A idade não fazia diferença e éramos mais agarrados, uns com os outros, do que uma tropa de tordilho. Mate correndo nas horas de folga; auxílio recíproco nos estudos; acalouradas discussões sobre o português; diversões e passeios em comum; absoluta solidariedade em tudo, essa era a nossa vida, numa casa em que chegamos a ser mais de doze, sob o comando de nossa saudosa tia.² (AJNLT752)

No período de férias, sempre voltava a sua cidade natal, São Francisco de Assis, onde revia os parentes e amigos, e matava a saudade da natureza, dos rios, dos animais. A cena da chegada, em que o tio Adão buscava-o, pode ser ilustrada pelo soneto I, do poema “Canto do Ibicuí”:

Ponho os olhos na linha do horizonte,
e, aos poucos, se desenha o Ibicuí...
Deixo o trem na estação, que fica em frente
da estrada para a terra onde nasci.

Antes, porém, que a diligência aponte,
do outro lado diviso o Batovi.
E vou contando, assim, monte por monte:
O Cerro dos Lasões... O Inhacambuí...

A paisagem natal, entresonhada,
Me transporta aos meus tempos de guri...
Chego ao passo, com a barca ali atracada.

E “tio” Adão, com a voz que sempre ouvi,
aponta-me, de bordo, a mão alçada:
– “O moço tem passagem livre, aqui...”
(LEIRIA, 1968, p. 56)

² Manuscrito de João Otávio Nogueira Leiria, pertencente ao Acervo de João Otávio Nogueira Leiria, integrado ao Espaço de Documentação e Memória Cultural - DELFOS, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

Anos mais tarde, aproximadamente no final dos anos de 1920 e início de 1930 do século passado, Nogueira Leiria mudou-se para uma pensão. Nesse período, terminou os seus estudos ginasiais.

O moço solitário crescia e despedia-se do mundo de criança, compreendendo que agora estava na fase adulta. Era um homem feito, mas as recordações daquele espaço mitificado sempre habitaram as suas lembranças, características que podem ser ilustradas pelos versos do soneto II, do poema “Canto do Ibicuí”:

Depois da diligência, veio o “ford”.
e, como o tempo tudo foi mudando,
eu minha adolescência fui deixando,
sem saber se essa mudança era melhor.

Chegou a mocidade, com seu bando
de sonhos e ilusão... Mas eu, de cor
sempre trazia estes caminhos, quando
a saudade do pago era maior.

E assim os anos foram vindo, até
chegar a idade madura da fé,
que, com amor, na vida construí:

– Onde quer que me encontre, sempre atino
com as Missões Orientais do meu destino,
conformadas à linha do Ibicuí!...
(LEIRIA, 1968, p. 57)

Nessa época, passou a conviver com outros estudantes, jovens moradores das pensões. Foi então que conheceu Cyro Martins, Aureliano de Figueiredo Pinto, Mário Martins, José Salgado Martins, Alberto Severo, Manoelito de Ornellas, Lila Ripoll, com os quais manteve amizade, fazendo parte da geração romântica dos jovens poetas e escritores, muitos deles também moradores dos pequenos hotéis. Dentre esses, destaca-se o escritor Cyro Martins, com quem manteve fortes laços de amizade ao longo de toda a sua vida.

Devido a economia do Estado estar baseada na pecuária e na agricultura, a poesia regional respondia ao desafio desse meio. Os poetas sentiam-se atraídos pela temática

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

campeira, ligada ao amor da terra, convictos de que a literatura nasce do local que o homem habita.

Com esse pensamento, no ano de 1932, aos vinte e quatro anos de idade, João Otávio Nogueira Leiria publicou o seu primeiro livro, *Campos de areia*.³ Dono de uma imensa sensibilidade e marcado pela vivência no campo, o poeta retrata essa realidade, valorizada pelo gaúcho que se identifica com a terra e divide o seu tempo entre a lide pastoril e a guerra. Há uma espécie de denúncia do atual momento vivido pelo escritor, no qual se estabelece um contraponto entre a Campanha, idealizada pelo gaúcho – com os seus costumes e tradições –, e a desocupação desse espaço, em decorrência da crise econômica, que provoca a saída do homem. Na obra em questão, há uma crítica expressa pela voz do eu lírico ao abandono do espaço rural, local de suas lembranças de infância.

Além disso, percebe-se que Nogueira Leiria tem o domínio do linguajar tradicional gaúcho, constituído pela integração inicial dos espanhóis, portugueses e indígenas, resultando em uma linguagem híbrida, carregada de vocábulos e expressões utilizadas na região da fronteira com o Uruguai.

Editado pela Livraria do Globo, *Campos de areia* teve uma boa repercussão, como se pode comprovar pelo artigo, escrito por Dante de Laytano, datado de 10 de julho de 1932, intitulado “Vida literária: o movimento intelectual e a Livraria do Globo”, que faz referência à obra então recém lançada:

Edita, em seguida, o Globo um livro de Paulo Corrêa Lopes, a sensibilidade mais requintada da nossa poesia, e mais um livro de versos regionalistas dum outro grande poeta novo J. O. Nogueira Leiria: “Campos de areia”. Nomes novos e novas revelações. Adquire, assim, o Globo o justíssimo título de editora dum grande período da nossa literatura.⁴ (AJNL T988)

Em recorte do jornal *Correio do Povo*, não datado, pertencente ao Acervo de João Otávio Nogueira Leiria, encontrou-se uma crítica, na coluna “Especial para o “Correio do

³ LEIRIA, João Otávio Nogueira. *Campos de areia: poemas gaúchos*. Porto Alegre: Globo, 1932.

⁴ LAYTANO, Dante de. Vida literária: o movimento intelectual e a Livraria do Globo. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 10 jul. 1932.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

Povo””, escrita por Augusto Meyer, à obra *Campos de areia*. Nessa apreciação, intitulada *Campos de areia*, Meyer reconhece o valor da poesia de João Otávio, afirmando que, em meio à repetição, Nogueira Leiria conseguiu dar, através da sutileza e do aprimoramento dos versos, uma nova cor à temática regional gaúcha:

Existe muita força e delicadeza na poesia de Nogueira Leiria, ela é ao mesmo tempo fina e brava.

A primeira leitura tem o defeito de prender muito a atenção sobre a atitude temática, o que é inevitável pela curiosidade em saber de que maneira o poeta, chegando com tanto atraso na cancha regionalista, evitará o repisamento.

Mas, pensando bem, essa curiosidade, não se justifica, porque repetir os temas não quer dizer remascarar a mesma coisa. O dom lírico está na virtude de saber renovar as velhas matracas.⁵ (AJNL T986)

Após essas observações, tece comentários sobre alguns poemas, como “Humildade”, “Incerteza”, “Serão campeiro”, “Bolicho”, “Ronda”, “Saudade”, “Noite” e encerra o texto afirmando:

O que os outros deixaram incompleto ou esquecido, durante a viajada sem fim, vai sendo revelado pelo olhar mais prevenido que chegou depois.

E não há nada que se compare à alegria de descobrir um poeta novo. Parece que o contato com ele é mais um motivo de afirmação para nós. Principalmente quando se apresenta, como Nogueira Leiria, voltado para uma fidelidade tenaz, tão rara nesta febre moderna das destruições.⁶ (AJNL T986)

Augusto Meyer aponta para o entusiasmo com que Nogueira Leiria trata o tema do regionalismo, tão desgastado e debatido em meio às novas tendências, como um processo de renovação, enfocando as peculiaridades locais. Na época em que foi publicada a obra, teve uma boa recepção da crítica literária local, sendo aclamada pela geração romântica como uma obra-prima do regionalismo gaúcho.

Na mesma época da publicação de seu livro, entre as idas e vindas a sua cidade natal, Nogueira Leiria conheceu Marina Constança Cézar Barradas, o grande amor de sua vida.

⁵ MEYER, Augusto. *Campos de areia*. *Correio do Povo*, Porto Alegre, [s. p.], [s. d.].

⁶ Idem.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

Casou-se com ela no ano de 1933, aos vinte e cinco anos de idade. Marina foi sua companheira e grande incentivadora de seus projetos. Com ela, o poeta passou toda a vida, encontrando a paz e a felicidade que tanto procurava, como expressa nos versos do poema "Canção da terra e do ideal":

Mas saiba aquela de que eu fiz rainha,
senhora e dona de afeições mais puras,
– prenda que veio para ser só minha –
que ela jamais há de ficar sozinha,
pelas patricias que me foram duras.
(LEIRIA, 1968, p. 85)

Na mesma cidade em que se casou, São Francisco de Assis, Nogueira Leiria exerceu o cargo administrativo de Secretário do Município. Ao mesmo tempo em que trabalhava na Prefeitura de São Francisco, estudava Direito na Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), tendo de ir frequentemente a Porto Alegre para assistir às aulas e prestar as provas.

Um ano aproximadamente depois de se casar, em 1934, nasceu a primeira filha do casal, Maria Leta Barradas Leiria. Dois anos mais tarde nasceu o segundo filho, Reinaldo Barradas Leiria. A alegria expressa pelo poeta, agora com a presença dos dois filhos, pode ser verificada nos versos que escreveu⁷:

Eu que cantei tanta coisa nesta vida,
que tantas emoções senti e que as gravei,
nunca vi nada mais lindo
do que os sóis de vocês...

– Minha filha! Meu filho!
pequenos, meu sono que é um sorriso de tão uno
creio em vocês como força que impulsiona o meu destino
e que me faça viver como as raízes
para a glória fecunda dos botões.

[...]

⁷ Manuscrito inédito encontrado no Acervo de João Otávio Nogueira Leiria, depositado no DELFOS, da PUCRS.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

Tranquilo estou, tranquilo irei
Só para sentir a mansidão
Que vem do sono de vocês!
(AJNLT790)

No ano de 1938, João Otávio Nogueira Leiria mudou-se definitivamente para Porto Alegre, local em que foi nomeado Inspetor Federal de Ensino pelo Ministério da Educação, no ano de 1939, cargo para o qual foi designado por indicação política durante o governo de Getúlio Vargas.

Com o passar do tempo, a situação foi melhorando para a família Leiria. Nesse período, João Otávio foi pai novamente. No ano de 1941, nasceu Paulo Roberto Barradas Leiria, e um ano mais tarde, Luiz Carlos Barradas Leiria.

Em meio às múltiplas alegrias na vida do poeta, uma triste notícia abalou sensivelmente o seu coração. No ano de 1942 faleceu, em São Francisco de Assis, seu pai, fiel companheiro. Esse fato deixou-o profundamente abalado, sentimento que fica evidenciado no poema “Meu pai”, citado abaixo:

A saudade que eu sinto de meu pai
é fonte de efusivas energias.
Saudade andeja como ele, vai
por céus abertos e amplidões bravias.

Levanta o pouso em São Francisco. Sai
cruzando campos, rios e serranias...
Volta depois, das costas do Uruguai,
a repontar as xucras gadarias.

[...]

Saudade amiga que carrego em cheio,
Seja qual for o rumo a que me afoite
com sóis ardentes, chuvas ou pampeiros!...
(LEIRIA, 1968, p. 83)

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

Mesmo abatido pela dor da perda, a vida tinha de ser tocada em frente. Após passar um tempo, Nogueira Leiria adquiriu, no ano de 1943, uma casa confortável para viver com a família, local onde permaneceu até a sua morte:

Fiz um pouso final nessa moradia
Junto a arvoredo que mandei plantar
E hoje ostentam a grande ramada
Entre salgueiros a se debruçar.

Levo vida tranqüila e recatada
Sem mais nada do mundo ambicionar
Venha do inverno a ríspida lufada
Que com a lareira eu hei de conversar!

Após o outono virá a primavera
A dizer-me que me procura à espera
Da promessa radiante do verão.

Nesta morada, onde vivo para os meus
Quantas vezes converso, a sós, com Deus
Sem indagar dos dias que virão...⁸
(AJNLT600)

O lar do poeta foi local de simplicidade e aconchego, estando sempre de portas abertas para hospedar os parentes interioranos, como ilustra o poema manuscrito, que integra o seu Acervo⁹:

Minha casa! Eis o pouso certo
de quantos a buscaram e inda a buscam...
Estão abertas as portas, que eu oferto
com a bênção dos bens que a nada ofusca.
(AJNLT1067)

Foi nesse sobrado que nasceu o quinto filho do casal Nogueira Leiria e Marina Leiria, em 1943, que recebeu o nome de João Otávio Nogueira Leiria Filho, em homenagem ao pai.

⁸ Manuscrito inédito pertencente ao Acervo João Otávio Nogueira Leiria.

⁹ Manuscrito inédito pertencente ao Acervo João Otávio Nogueira Leiria.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

Em 1940, formou-se em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, passando a atuar como advogado. Mais tarde, por indicação, foi nomeado Procurador Fiscal do Estado do Rio Grande do Sul. Devido ao excelente trabalho realizado como Procurador Fiscal, desde 1940, no ano de 1967, Nogueira Leiria passou a dirigir a procuradoria, cargo ocupado até a sua aposentadoria.

Concomitante à carreira de procurador, no mesmo ano, 1940, ingressou na Companhia Jornalística Caldas Júnior, de Porto Alegre, designado inicialmente à função de repórter. Nessa empresa, passou a ocupar o cargo de redator do jornal *Correio do Povo*¹⁰, responsabilidade que o tornou conhecido devido aos editoriais que escrevia em uma das colunas desse periódico. Assim, afirmava-se cada vez mais como jornalista, escrevendo sobre política, economia e os grandes problemas que afetavam o homem da época.

Como não costumava ouvir rádio e pouco assistia à televisão (novidade da época), lia muito. Pela manhã, sentava-se em seu gabinete para redigir o artigo do próximo dia do jornal, diretamente datilografado na sua máquina Royal, hoje integrante do acervo doado pela família ao DELFOS.

Na mesma época, passou a ter publicados frequentemente artigos literários de sua autoria na quarta página do *Correio do Povo*, sob a assinatura de J. O. Nogueira Leiria. Nesses textos, tratava principalmente de temáticas voltadas à literatura, ao regionalismo gaúcho, e de referências a obras, personagens, autores e principais acontecimentos da intelectualidade da época, além de tratar também de suas memórias.

Em sua fase de fecunda produção crítica, era comum receber a visita de seus amigos em casa, tais como Cyro Martins e Salgado Martins, geralmente pela manhã. Lá, reuniam-se no seu gabinete e trocavam ideias sobre as suas produções, tanto de ordem literária (contos, poemas), como de ordem política, social ou econômica. Uma prática corriqueira de João

¹⁰ Nogueira Leiria exerceu a atividade de redator e editor do *Correio do Povo* ao longo de, aproximadamente, trinta anos, tendo como companheiros Edgar Luiz Schneider, Adail Moraes e Armando Fay de Azevedo, entre outros.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

Otávio era, ao término dos seus artigos jornalísticos, pedir a leitura e a opinião crítica dos seus companheiros.

Ao final do expediente na Procuradoria Fiscal do Estado, caminhava até a Rua Caldas Júnior, local onde ficava a redação do jornal *Correio do Povo*, para deixar o artigo para ser publicado no dia seguinte. Nessas ocasiões, reencontrava os amigos e iam aos famosos cafés e confeitarias porto-alegrenses, locais em que se reuniam para conversar, tomar café e fumar, hábito este que manteve durante toda a vida. Muitas vezes era dessas conversas que tirava as ideias para escrever os seus artigos. Era comum naquela época grupos de políticos e intelectuais se reunirem e confraternizarem nos bares, cafés e livrarias da Rua da Praia.

Além de jornalista, Nogueira Leiria se afirmou também como poeta, passando a publicar as suas poesias no *Correio do Povo* e em outros periódicos importantes da época, como na *Revista do Globo*.

Dada a importância de seus trabalhos intelectuais, no ano de 1945 foi convidado, juntamente com Reynaldo Moura, Moysés Velinho, Lila Ripoll, Guilhermino César, entre outras personalidades da época, para participar do I Congresso Brasileiro da Associação dos Escritores, promovido, na cidade de São Paulo. A esse encontro, segundo Carlos Guilherme Mota¹¹, “compareceram representantes da intelectualidade de todos os Estados do Brasil, e alguns convidados estrangeiros” para discutir assuntos de ordem cultural, política e social, o que denota o seu prestígio na época.

O assisense, apaixonado pela temática campeira, foi um apreciador do poema épico de José Hernandez, *Martin Fierro*, que retrata o gaúcho argentino, heróico e sacrificado da região dos pampas. Autodidata, sem nunca ter feito nenhum curso de Espanhol, mas profundo conhecedor do dialeto gauchesco, Nogueira Leiria passou cerca de vinte anos traduzindo para a língua portuguesa a obra espanhola. Sua tradução foi fruto de imensa pesquisa, estudo e interpretação, sendo publicada após a sua morte, em 1972, pela Editora Bells de Porto Alegre. A obra teve uma boa recepção do público, como afirma Hugo Ramirez:

¹¹ MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira: pontos de partida para uma revisão histórica*. São Paulo: Ática, 1994, p. 176.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

a edição estava já sendo objeto de impressão por parte de uma editora nova, então surgida na capital do Estado, a qual obteve com a publicação da versão de J. O. o sucesso esperado. Até nos programas televisionados do Rio de Janeiro, intérpretes extraordinários recitaram trechos nobres do “Martin Fierro” traduzidos por J. O. Nogueira Leiria.¹² (AJNL T998)

Tal foi o sucesso da obra traduzida que em 1987 surgiu a quinta edição, primeira bilíngue, pela Editora Martins Livreiro, também de Porto Alegre.

No ano de 1968, teve editado seu segundo livro de poesias, *Rincões perdidos*, pela Livraria Sulina Editora de Porto Alegre, com lançamento na XIV Feira do Livro de Porto Alegre. Nessa obra, Nogueira Leiria retoma a temática campeira através de suas poesias, com a predominância dos sonetos, por meio dos quais descreve os principais momentos vividos por ele no espaço da Campanha, na “Estância velha”.

Guardo da Estância esta impressão distante;
a casa branca, no alto , entre arvoredos,
Em frente, a sanga límpida e cantante,
a bordar, rumo ao rio, amplos varzedos.

[...]

Vem um peão fazendo a recolhida;
entra a tropilha em forma na mangueira,
como sinal para iniciar-se a lida.
(LEIRIA, 1968, p. 9)

Seus versos tratam de temas como a doma dos animais, a prática dos rodeios, os apartes de gado, as tropeadas, as carreiras, a marcação. Além disso, na mesma obra faz uma recuperação das principais lendas do imaginário gaúcho, apresentadas em forma de poesia, dentre elas: “Teiniaguá”, “Negrinho do Pastoreio”, “Boi Tatá”, “Boi Barroso” e “Sepé Tiaraju”.

¹² RAMIREZ, Hugo. J. O. Nogueira Leiria e seu paraíso perdido. *Diário de Notícias*. Porto Alegre, 3 ago. 1975.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

Rincões perdidos corresponde a uma fase mais madura do poeta, através da qual ele evoca as lembranças da sua infância, refletindo sobre as tristezas e alegrias vivenciadas no espaço peculiar, dando uma interpretação original às velhas tradições, como se pode perceber pelas palavras de Pedro Vergara:

Meu caro J. O. Nogueira Leiria, você conseguiu nos dar, das nossas tradições, novas e velhas, uma interpretação, tão viva quanto vivida, e tão cheia de poesia, quanto a de sua própria beleza; [...] aquele que estua nos seus versos, Leiria, tem a marca da sua personalidade, estremece e se reergue, ele mesmo, com as suas características, [...], pela força do seu poder evocativo de poeta [...].¹³ (AJNLT506)

Amante do regionalismo, Nogueira Leiria tinha o dom para as Letras, tendo sido ao longo da vida um leitor eclético. Sua biblioteca pessoal¹⁴ é composta por aproximadamente duzentos e noventa livros de diferentes autores, tais como Dante Alighieri, William Shakespeare, Gustave Flaubert, Jorge Luis Borges, Mário Quintana, Eça de Queiroz, Augusto Meyer, João Simões Lopes Neto, Machado de Assis, tendo várias edições da obra *Martin Fierro*, de José Hernandez.

Além de ser um bom conhecedor da sua língua materna, lia e interpretava textos em Francês e Espanhol. Tinha preferência pelo gênero poético, sendo um apreciador e declamador de poesia.

Segundo seu filho, Reinaldo Barradas Leiria, em entrevista concedida à autora deste artigo¹⁵, João Otávio era um amante das Letras, conforme se percebe na transcrição que segue: “Meu pai lia muita poesia. Ele declamava. Lia declamando em voz alta. A nossa casa tinha um gabinete, que era onde ele ficava, onde ele tinha seus livros e o birô, uma escrivaninha antiga, com uma tampa de correr, muito bonita, que ele ganhou. Era o local onde ele

¹³ Correspondência passiva de Pedro Vergara, integrante do Acervo de João Otávio Nogueira Leiria, datada de 27 de outubro de 1968.

¹⁴ A biblioteca pessoal do escritor está depositada no Espaço de Documentação e Memória Cultural – DELFOS, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do SUL.

¹⁵ Depoimento concedido pelo filho de João Otávio Nogueira Leiria, Reinaldo Barradas Leiria, em entrevista realizada no dia 21 de julho de 2009, às 14 horas, no DELFOS – Espaço de Documentação e Memória Cultural, junto à Biblioteca Central da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

trabalhava. Era ali que ele escrevia, na máquina de escrever. Nesse gabinete, era comum ele ler poesias declamando em voz alta. Ele sabia declamar, ele declamava com sentimento, com uma voz pausada, entonação. Ele era um declamador. Era bonito ouvi-lo ler as poesias em voz alta”.

Como poeta, foi muito aclamado pela beleza e a riqueza de seus versos. Entusiasta das atividades campeiras, Nogueira Leiria foi ligado ao movimento tradicionalista “Estância da Poesia Crioula”, uma academia de letras dos escritores e poetas tradicionalistas, que tem como objetivo a divulgação dos costumes e das tradições cultivadas pelo homem do campo. Em muitas ocasiões, o poeta atuou como palestrante, expondo assuntos ligados à cultura típica do homem do Rio Grande do Sul. Em outras festividades, como nas tertúlias literárias, apresentava-se como declamador.

Ao longo da vida, sofreu de um grave problema na coluna dorsal, realizando tratamentos intensivos com diversos médicos. No final de sua vida, um especialista descobriu que se tratava de um câncer. No dia 15 de fevereiro de 1972, aos sessenta e três anos de idade, em consequência desse problema, o poeta veio a falecer no hospital.

Em sua existência, mesmo com todo o carinho e amor que recebia, o poeta carregou uma profunda melancolia, oriunda provavelmente da orfandade materna no período em que ainda era muito pequeno. Por alguns momentos, essa solidão vinha à tona e era expressa em versos impregnados de saudade e melancolia, estimulados pelas lembranças presentes nas desilusões da existência, como escreveu em “Vida velha”:

Vida velha, dou-te agora,
todo o amor que te neguei
Louca que o tempo sovou
é mais fácil de cortar:
– o tento sai, fora a fora,
a jeito para trançar.

Perdoa se já fui outro,
se fui rebelde a teus tratos
e duro para o teu fio:
tomaste-me muito cedo;

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

eu tinha couro de potro
sestroso do teu enredo.

Com tiras da alma ou dos anos,
e que, afinal, se confundem,
vais trançando, vida velha,
a trama do meu destino:
– um laço de desenganos,
com tentos de desatino.

Mas que importa, vida minha,
o que tu queiras de mim?
Estou perdido de amores
por tuas artes sutis:
Oh, tirana, sê madrinha
de quem antes não te quis!
(LEIRIA, 1968, p. 83)

Resgatar as vozes esquecidas no passado não significa apenas pôr em relevo a trajetória do escritor, mas recuperar também parte da memória histórica e cultural identitária do povo sulino. Os materiais produzidos por João Otávio Nogueira Leiria e em torno dele, relativos à sua vida privada e artístico-cultural, constituem uma fonte de informação inesgotável, que apontam para novas reflexões sobre a história e a cultura do Rio Grande do Sul.

REFERÊNCIAS

LAYTANO, Dante de. Vida literária: o movimento intelectual e a Livraria do Globo. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 10 jul. 1932.

LEIRIA, João Otávio Nogueira. *Campos de areia*: poemas gaúchos. Porto Alegre: Globo, 1932.

LEIRIA, João Otávio Nogueira. *Rincões perdidos*: poesias. Porto Alegre: Sulina, 1968.

MEYER, Augusto. Campos de areia. *Correio do Povo*, Porto Alegre, [s. p.], [s. d.].

MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira*: pontos de partida para uma revisão histórica. São Paulo: Ática, 1994, p. 176.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

RAMIREZ, Hugo. J. O. Nogueira Leiria e seu paraíso perdido. *Diário de Notícias*. Porto Alegre, 3 ago. 1975